



**“NENHUMA ALMA HUMANA CONHECERÁ TODA A VERDADE SOBRE O AMOR DE CRISTO PELO CORPO”:** a sexualidade humana a partir da Antropologia Teológica e Teologia Moral

**“NO HUMAN SOUL WILL KNOW THE WHOLE TRUTH ABOUT CHRIST’S LOVE FOR THE BODY”:** human sexuality from Theological Anthropology and Moral Theology

*Iuri de Carvalho Santos<sup>1</sup>*

**RESUMO:** A sexualidade humana, compreendida nestes termos, é uma invenção recente. Retomando a história do pensamento, ela se restringe ao dado do corpo em sua relação com o sagrado, com o outro e também com estruturas sociais. Com o advento do século XX e as grandes transformações sociais e culturais, a sexualidade tornou-se fonte de estudo não só das ciências médicas e biológicas, como nos séculos XVIII e XIX, mas também da filosofia, sociologia, antropologia em seus desdobramentos, influenciado toda uma cultura. Também o catolicismo, com o Concílio Vaticano II e a Moral Renovada, apresentaram sua compreensão de ser humano e sua natureza sexual, demonstrando que o pensamento teológico católico, fundamentado pela Antropologia Teológica e Teologia Mora, não desprezam a sexualidade humana, mas possuem uma compreensão ampla da mesma.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade; Antropologia Teológica; Teologia Moral.

**ABSTRACT:** Human sexuality, understood in these terms, is a recent invention. Returning to the history of thought, it is restricted to the given body in its relationship with the sacred, with others and also with social structures. With the advent of the 20th century and the great social and cultural transformations, sexuality became a source of study not only for medical and biological sciences, as in the 18th and 19th centuries, but also for philosophy, sociology, anthropology in their developments, influenced an entire culture. Catholicism, with the Second Vatican Council and Renewed Morals, also presented its understanding of the human being and its sexual nature, demonstrating that Catholic theological thought, based on

---

<sup>1</sup> Bacharelado do VII período de Teologia na Faculdade Católica de Pouso Alegre-MG (FACAPA). Cursado em Filosofia pelo Curso Livre do Instituto Filosófico São José, vinculado ao Seminário Diocesano Nossa Senhora das Dores, Diocese da Campanha-MG e licenciado em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas, mantido pelo Centro de Ensino Superior do Brasil de Valparaíso-GO. Pesquisa Filosofia Contemporânea com ênfase em subjetividade, ética e sexualidade em Michel Foucault e relações com teoria e identidade de gênero. Atualmente dedica-se ao estudo sobre sexualidade na Teologia Fundamental, mais especificamente no âmbito da Antropologia Teológica em diálogo com a Teologia Moral e também sobre experiência mística na Filosofia ocidental e na experiência cristã. Contato: iuri\_carvalho100@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8163379526549503>

Theological Anthropology and Mora Theology, does not disregard human sexuality, but has an understanding broad of it.

**KEYWORDS:** Sexuality; Theological Anthropology; Moral Theology.

## 1 INTRODUÇÃO

“Nenhuma alma humana conhecerá toda a verdade sobre o amor de Cristo pelo corpo” é o que afirmou o psicanalista e sexólogo alemão, Wilhelm Reich, na obra *O Assassinato de Cristo* (1983, p. 107). A constatação do psicanalista encontra-se dentro de uma crítica ao cristianismo sobre a consideração da carne humana em oposição à concepção de corpo, como se a Igreja Católica e o puritanismo da Igreja Protestante inibisse a doçura do amor de Deus com a condenação da carne, da sexualidade *obscena* e não considerando a sexualidade *natural*. As considerações de Reich e de outros pensadores fundamentam-se nas considerações do Apóstolo Paulo e também em anos de tradição da abordagem moral cristã sobre a sexualidade. Dentro da literatura, poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade, em uma obra intitulada *O avesso das coisas: Aforismos*, onde brinca com diversos termos de forma poética, afirmou sobre a palavra “sexo” o seguinte: “o sexo ensina lições a si mesmo e não esgota a lição”. A profundidade deste aforisma é evidente e demonstra um grande conhecimento e admiração por esta profundidade, mas o mesmo poeta que, devido ao seu pudor e timidez, deixou guardado diversos trabalhos dedicados a falar sobre sexo, erotismo e prazer que foram publicados postumamente em 1992 (5 anos após sua morte) na obra *O Amor Natural*.

O mesmo se percebe em temas apresentado na cultura contemporânea. Exemplo disso é a personagem principal da série britânica *Fleabag* de 2016. A protagonista, que não tem seu nome próprio apresentado em nenhum momento, demonstra um comportamento compulsório em relação à sexualidade, compreende-se ao longo da série como derivação de questões afetivas de luto e dramas familiares não elaborados. Marcada por cenas de metalinguagem, onde a personagem dialoga diretamente com o expectador, em um desses diálogos, presente no segundo episódio da primeira temporada, a personagem afirma não ser maníaca sexual, mas que pensa constantemente no ato sexual como algo performático, teatral através do desejo do outro pelo próprio corpo, não procurando tanto o prazer físico, sendo cunhado de um comportamento “esquisito”. Compreendido dentro de uma dimensão psicológica da sexualidade, se poderia afirmar ser um quadro fixação, quando o sujeito se encontra

aprisionado por laços importantes, encontrando no prazer a compensação de uma frustração (VIDAL, 1978 p.499).

O que isso representa? Ao se deparar com críticas, como a de Reich, cabe à reflexão teológica superar dualismos e considerações reducionistas, tanto por parte da crítica, quanto das anteriores ponderações dos moralistas. Do mesmo modo, é estranho pensar que um dos grandes poetas brasileiros do século XX, senão o maior deste século, tinha dificuldades de falar, mesmo que livremente no campo poético, sobre sexualidade; sinal do tabu sobre esta temática não em diversos campos, ainda mais na ciência teológica. Além disso, como não compreender como um dado antropológico a natureza sexual além do dado biológico, sendo responsável por evoluções na personalidade humana ou seu adoecimento? Drummond não errou ao afirmar que as lições ensinadas pela dimensão da sexualidade são infinitas, porque esta é processual e contínua, sendo tarefa do ser humano ter consciência de sua maturação afetiva ao longo do tempo. Tomada em referência à fé e à teologia, a infinitude da temática se torna ainda mais clara e é o que este artigo se propõe a expor.

## 2 ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA E ANTROPOLOGIA SEXUAL

O cenário contemporâneo da pesquisa teológica encontra-se profundamente diverso e amplo. Enquanto alguns estudiosos buscam a fundamentação da fé, a evolução dos dogmas e a compreensão da solidez do terreno da Teologia Dogmática, a contemporaneidade possibilitou à teologia, arguida de honestidade intelectual e capacidade científica, pesquisar campos de fronteira com a contribuição de outras ciências. Isso não quer dizer que se abandonou a Teologia Fundamental e Dogmática, mas, a partir delas, lançou-se luzes sobre as problemáticas do ser humano contemporâneo, atendendo aos anseios apresentados pelo Magistério, quando toma para si as “alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias do homem de hoje” (GS<sup>2</sup> 1).

Esse interesse da ciência teológica pelos anseios humanos é correspondente ao imperativo evangélico de chegar a todas as pessoas a salvação oferecida por Deus, sua graça e realização. É impossível desconsiderar as urgências contemporâneas e reconhecê-las à luz da

---

<sup>2</sup> Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

fé com os contributos das ciências humanas. Essas urgências são pontos nevrálgicos para a salvação integral do ser humano. Uma dessas questões é a dimensão da sexualidade humana.

Para abordar a temática da sexualidade dentro da teologia, automaticamente se remete a questão à Teologia Moral, porém, o caminho deve ser inverso, partindo da teologia dogmática, mais precisamente, a Antropologia Teológica. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* afirma que “só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem”. (n.22). Superando qualquer dualismo sobre a natureza humana, o mesmo Concílio, retomando a Tradição dos Santos Padres afirma que em Jesus a natureza humana foi assumida e não destruída, elevando-a a uma dignidade inalienável. Portanto, o efeito claro da Encarnação do Verbo é a elevação da dignidade do ser humano; retomando a resposta da questão proposta por Santo Anselmo, na elevação desta dignidade, o ser humano é salvo integralmente.

Essa integralidade do ser humano deve ser sempre acentuada. Utilizando-se da Antropologia Filosófica, principalmente a abordagem proposta por Lima Vaz (2020), o ser humano é corpo, alma e espírito; Paulo também apresenta o homem assim. Corpo como materialidade onde faz a experiência de mundo e se compreende como ser único em relação com o outro; alma ou psiquismo em sua dimensão interior, cognoscível, afetiva e relacional; espírito na compreensão agostiniana de interioridade, a participação no Absoluto, sendo o mais profundo da interioridade a total transcendência e morada de Deus. Todas essas dimensões fundamentais do ser humano devem ser compreendidas à luz da expressão “suprassumir”, ou seja, o homem é seu corpo, mas não só; é seu psiquismo, mas não só, é seu espírito, mas não só; todas essas dimensões suprassumidas são consideradas e analisadas separadamente, mas dizem da realidade integral do ser humano que é, em si, um ser espiritual. Garcia Rubio (2007) afirma que a pluralidade das dimensões do ser humano é clara, mas são vividas e experimentadas na unidade; levando em conta as dimensões afetivo-sexual, comunitária, social, política, econômica, ecológica, religiosa, todas devem ser consideradas vividas na unidade básica da pessoa.

Seguindo a linha dos grandes teólogos do século XX, deve-se recusar todo tipo de dualismo sobre o ser humano. Quem afirma isso é Henri de Lubac e Karl Rahner ao falar sobre a sobrenaturalidade das coisas, da transcendentalidade do homem e sua existência sobrenatural, sem anular seu natural. A antropologia teológica possui sua fundamentação por se referir a Deus em um discurso sobre o homem; fundamento este que se dá pelo caráter transcendental do ser humano (SEBOŮĚ, 2021, p.131-144). O homem é capaz de refletir

sobre si mesmo e sobre a realidade, percebendo-se como unidade e totalidade, responsável por si mesmo, transcendendo e alcançando o mistério e retornando a si e ao mundo, assumindo ambos (RAHNER, 2019, p.65). Isso fundamenta o caráter transcendental do ser humano e a importância da teologia na reflexão sobre suas questões e anseios, é a chamada existência sobrenatural. O homem inteiro é perpassado por essa dimensão sobrenatural, não anulando sua condição física e biológica, mas, pelo contrário, assumindo-a e considerando-a também sobrenatural. Em outra perspectiva, utilizando-se da antropologia filosófica, é a compreensão integral do ser humano (corpo, alma e espírito) onde a categoria espiritual suprassume as demais, sendo o homem considerado um ser espiritual, sendo a vida propriamente humana a vida segundo o espírito. Este é a fina ponta onde o ser humano realiza sua autotranscendência e chega até o Absoluto. (VAZ, 2020, p. 203-213)

A compreensão antropológica a partir da Sagrada Escritura caminha em consonância com essa apresentação das dimensões do ser humano. Na tradição veterotestamentária o homem é *basar*, *nefesh*, *ruah* e *leb*. É *basar*/ carne porque partilha da materialidade e corporeidade própria das criaturas de YHWH, exprimindo parentesco, dimensão comunitária, sendo individualidade e realidade intersocial, manifestando a unidade do gênero humano. É *nefesh*/alma no sentido de a fragilidade da carne ser compensada pela vitalidade, sendo também desejo, pulsão vital; em sua raiz etimológica designa pescoço, garganta, demonstrando a necessidade vital de alimento, sendo possível correlacionar esta dimensão com a *psyche* grega. É *ruah*/espírito como conceito teo-antropológico, sendo o sopro divino dado por Deus ao homem, sendo também sua relação dinâmica com o Criador. Porém, a tradição bíblica oferece um contributo a mais, o ser humano é *leb*/coração, indicando os sentimentos e emoções humanas; essa dimensão é atribuição das funções racionais, como a compreensão da realidade, memória, deliberação moral, sendo a sede da consciência e o lugar aonde o ser humano se decide por Deus, entregando-se a sua vontade (MONTEIRO, 2021, p. 58-96).

O desenvolvimento neotestamentário é continuação da compreensão do ser humano do Antigo Testamento (*psyché*, *pnêuma*, *sarx*, *soma* e *kardia*), porém, com o diferencial que essas dimensões, como bem expressou o Vaticano II, são assumidas na perspectiva cristológica, dando um sentido mais profundo. É nos escritos paulinos e joaninos que se torna mais clara essa referência. Deus se torna *sarx*, carne, sendo esta realidade mais íntima e própria do ser humano; Deus é capaz do corpo para que o corpo seja capaz de Deus, ou, como afirma José Tolentino de Mendonça (2007), biblista, poeta lusitano e hoje cardeal prefeito do



Dicastério para Cultura e Educação, a economia da encarnação apresenta uma carne teomórfica.

Retomar a compreensão do ser humano dentro na tradição bíblica é importante porque ajuda a superar dualismos, presentes já nas heresias e também na contemporaneidade. A sabedoria bíblica, desde o princípio, demonstra a sexualidade não como algo sagrado, mas como lugar de reconhecimento e construção do humano (MENDONÇA, 2007).

A bondade do ser humano, entendida aqui não como adjetivo de seu agir moral, mas como atributo de sua dignidade é perceptível à luz do testemunho dos Padres da Igreja. É Inácio de Antioquia que afirma a bondade radical e unidade do homem, que perpassa todas suas dimensões e componentes e se dá pelo fato de ser possível pôr tudo em relação com Jesus. (LADARIA, 2003, p.88)

Retrocedendo na compreensão do ser humano antes do evento da Encarnação, sua dignidade já é expressa na Criação, quando se afirma a criação à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 27). A teologia da *Imago Dei*, perpassando toda a tradição bíblica e patrística, desemboca no Concílio Vaticano II, revelando a dignidade integral do ser humano e o estabelecendo como ser de relação. É a teologia da *Imago Dei* que permite afirmar o ser humano como “pessoa”, com ênfase na diferenciação sexual homem-mulher, sendo pessoa categoria de relação com o outro, seja o sexo oposto ou a comunidade. Falar do ser humano criado a imagem e semelhança de Deus é afirmar a relação da pessoa com a Trindade, com os outros seres humanos e com a realidade criada. (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2004, n.4)

A fundamentação cristã da *Imago Dei* se dá na pessoa de Cristo, sendo Ele a imagem perfeita de Deus e verdadeiramente homem. Por isso, antropologia e cristologia possuem conexões profundas, bem como a compreensão integral do ser humano que aponta para uma reflexão escatológica e, por fim, por sua natureza relacional e de alteridade, um suporte para Teologia Moral.

É o binômio “comunhão e serviço” que tece a teologia da criação à imagem de Deus. Essa criação à imagem e semelhança não se reduz à categoria espiritual, mas, açambarca a natureza corporal e psíquica do ser humano, orientando-o para o Outro Absoluto. A teologia da *Imago Dei*, portanto, possibilita a superação de concepções dualistas do ser humano, que desprezam a categoria do corpo e, por conseguinte, a sexualidade (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2004, n.26-27).

Em um cenário em que se despreza o corpo como algo pecaminoso e impuro em relação com a alma como realidade única do ser humano, ou em uma hipervalorização da materialidade excluindo a transcendência do ser humano, a Sagrada Escritura demonstra que o dualismo ontológico é incompatível com a fé, anulando assim três grandes verdades: a encarnação do Verbo, a redenção pela corporeidade de Jesus e a Ressurreição dos mortos. Portanto, para falar da sexualidade deve-se ter em conta essa grande compreensão do ser humano, percebendo o valor de sua corporeidade e também sua integralidade como ser espiritual, em referência a Deus (MONTEIRO, 2021, p. 58-96).

### 3 SEXUALIDADE E ÉTICA CRISTÃ

O termo “sexualidade” é uma criação recente, mais precisamente da ciência do século XVIII e XIX. Em uma confluência de saberes, a *scientia sexualis* se tornou um discurso sobre biologia reprodutiva, normatividade científica, patologização de práticas contrárias a reprodução, domínio jusnaturalista, sendo passível de intervenção jurídica, ou seja, a ciência, a medicina, o direito, a religião detinham a verdade sobre o sexo, mais ainda, definiam o verdadeiro sexo (FOUCAULT, 2020, p. 59-83). Para alguns pensadores contemporâneos, destacando principalmente Michel Foucault, a sexualidade não seria um impulso tratado de diversas formas, canalizado, como definiu, de certa forma, Freud. Seria sim uma forma de moldar o *self*, o eu do sujeito na experiência do corpo. É a confluência de normas e formas de comportamento sobre o corpo que moldam a subjetividade, sendo estas normas e formas constituídas por sistemas próprios de conhecimento de acordo com a história do pensamento (LAQUEUR, 2001, p. 24). Pela herança do Concílio de Trento, quando se afirma solidamente o matrimônio como sacramento, porém, que comparado à virgindade e o celibato é inferior (DH<sup>3</sup> 1809) e de alguns desdobramentos negativos disso na Moral Casuística, a sexualidade, compreendida nesse conceito positivista, se tornou algo estritamente biológico, orientado para relação conjugal, exclusivamente de caráter reprodutivo.

A compreensão contemporânea da Teologia Moral, porém, já superou isso. A sexualidade é compreendida como elemento primordial do desenvolvimento da personalidade do ser humano, não podendo ser tratada exclusivamente no campo conjugal, mas como

---

<sup>3</sup> DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.



pertencente à antropologia (GRÜNDEL, 1976. p.322-354). Em uma visão antropológica personalista, a sexualidade tem sua função constitutiva ontológica. As afirmações bíblicas sobre o ser humano e sua sexualidade estão abertas para a compreensão todo nosso tempo, isso porque em seu conteúdo kerygmático fundamental, a Sagrada Escritura não oferece nenhum apoio para uma depreciação dualista da sexualidade ou uma repressão de suas forças (GRÜNDEL, 1976. p.322-354). Da mesma forma em que se faz uma leitura histórico-crítica de diversas passagens, como os relatos da criação, o mesmo deve, ou deveria se aplicar, a passagens usadas de modo fundamentalista para apoiar abordagens classicistas, justificando normas, ou reafirmar exclusões ou estruturas que perpetuam preconceitos (SALZMAN; LAWLER, 2012. p.23-26).

A sexualidade torna-se um *locus theologicus* por se tratar de algo constitutivo do ser humano. Consciente da necessidade de superar sua compreensão meramente funcional, a sexualidade do ser humano “configura sua estrutura integral como homem ou mulher e determina assim essencialmente a conduta do indivíduo até o mais íntimo de suas manifestações espirituais”. (GRÜNDEL, 1976, p.322, *tradução livre*<sup>4</sup>)

Com o suporte da Revelação e da Tradição, é possível afirmar que a sexualidade é uma experiência original do ser humano, sendo necessário sua fundamentação antropológica. É a partir da compreensão integral do ser humano que se pode considerar sua natureza sexual permeada em todas suas dimensões. Deve-se superar toda compreensão de sexualidade reduzida ao matrimônio, porque todo ser humano é dotado de sexualidade, ela é constitutiva da personalidade humana. Além disso, é um modo de ser e se manifestar, de se comunicar e estar com o outro, de viver o amor humano, sendo parte essencial do processo gradativo do desenvolvimento da personalidade e do processo educativo (CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1983, n.4).

A sexualidade, na tradição veterotestamentária, deve ser compreendida principalmente a luz do relato da criação em relação à teologia da *Imago Dei* e também da diferenciação sexual: homem e mulher os criou. O ser humano inteiro é uma criação boa e, apesar de Deus Uno e Trino não possuir nenhuma atribuição biológica sexual, a dimensão da sexualidade humana em sua alteridade (seja conjugal ou como princípio relacional) é expressão da doação do amor divino na comunidade trinitária. A ferida do pecado original, erroneamente compreendida como a relação sexual, fere também essa dimensão; o ser humano convidado a

---

<sup>4</sup> (...) configura su estructura integral como váron o mujer y determina asimismo esencialmente la conducta del individuo hasta más íntimo de sus manifestaciones espirituales. (GRÜNDEL, 1976, p.322).



transmitir a vida dentro dessa dimensão, agora perde sua naturalidade, sendo necessário o pudor corporal. A Teologia Moral vê também na subordinação cultural da mulher no patriarcalismo de Israel uma consequência da mancha do pecado (GRÜNDEL, 1976, p.322-354). A grande novidade do Novo Testamento é sua compreensão de pureza, não mais restrita aos ritos de purificação, mas ligada à interioridade do ser humano e também a introdução do conceito de virgindade, grande novidade do cristianismo em relação às outras culturas, como caminho alternativo, e até preferencial, por amor ao Reino.

A partir das novas compreensões antropológicas, do conhecimento bíblico e histórico é possível afirmar que a sexualidade é plástica (GRÜNDEL, 1976, p.326). Padrões normativos e compreensões sobre a função sexual sofrem alterações sócio culturais, mas, afirmar a plasticidade da sexualidade humana vai além, é afirmar a possibilidade de sua integração (*eros e philia*), superando a sexualidade animal.

A Sagrada Escritura não apresenta uma definição clara e axiológica da sexualidade, mas oferece suportes para sua compreensão, inclusive integral. “A mensagem bíblica oferece-nos alguns princípios e uma certa orientação que constituem o fundamento dos postulados de uma formulação da sexualidade válida para nossa época.” (VIDAL, 1976, p.256). Esses princípios são o de dessacralização, hominização e integração do amor humano no mistério de salvação. As leituras fundamentalistas e anacrônicas de textos da Escritura podem ser manipuladas, depreciando a compreensão de sexualidade, portanto

“as afirmações bíblicas acerca dos homens e sua sexualidade estão completamente abertas para compreensão transformada deste campo em nosso tempo; menos em seu conteúdo kerygmático fundamental, não oferecem nenhum apoio para um desprezo dualista ou maniqueísta da sexualidade e para uma repressão das forças inerentes da mesma. (GRÜNDEL, 1976, p.324-325, tradução livre<sup>5</sup>).

Acentua-se aqui a importância da Antropologia Teológica, porque em seu percurso metodológico, esta vê o homem 1) criado a imagem e semelhança de Deus; 2) ferido pelo pecado e 3) redimido e salvo por Cristo (SEBOÛÉ, 2021, p.20). A partir de pressupostos bíblicos, é possível então compreender a antropologia teológica da sexualidade. Superando qualquer reducionismo, a sexualidade humana deve ser diferenciada da sexualidade animal porque ela é plástica, ou seja, é capaz de ser modelada de acordo com as opções feitas pelo ser humano. Portanto, é dentro deste prisma triangular que a Tradição eclesial e teológica

---

<sup>5</sup> (...) las afirmaciones bíblicas acerca de los hombres y su s. están completamente abiertas para la comprensión transformada de este campo em nuestro tempo; por lo menos em su contenido kerygmático fundamental, no ofrecen ningún punto de apoyo para um desprezo dualista o maniqueo de la s. para uma represión de las fuerzas inherentes a la misma. (GRÜNDEL, 1976, p. 324-325).

deve buscar compreender a sexualidade humana, percebendo-a como algo próprio do ser humano e que não o faz menos criação *imago Dei*, por ser um dado humano é passível da culpa do pecado e não sua raiz e, como o ser humano assumido por Cristo, a dimensão da sexualidade também é assumida e redimida, não excluída.

É inegável, dentro do cristianismo, conflitos em relação a vivência sexual. As influências negativas para um antagonismo com a sexualidade são várias: estoicismo, dualismo helênico e neoplatônico, ou seja, correntes filosóficas fundamentadas no dualismo corpo e alma em que esta era superior e mais valorizada que o corpo; também uma moral cristã fundamentada em conceitos pré-científicos e pré-psicológicos que absolutizava conceitos errôneos sobre o ser humano e que foram desmistificados com o advento das ciências; fator psicológico de alguns autores cristãos, como Santo Agostinho, ou seja, pensadores cristãos que não estabeleceram uma relação positiva com a natureza da carne, reduzindo-a algo pecaminoso ou que deveria ser desprezada, desembocando também em movimentos extremistas. (VIDAL,1976, p. 256-258).

Alguns princípios podem ser apresentados para esta superação, como dito anteriormente de forma superficial. O princípio de “dessacralização” da sexualidade ajuda retirá-la de compreensões míticas sobre o ser humano e o próprio Deus, afirmando ser essa uma realidade da natureza humana, não sacral ou de origem divina; o princípio de hominização, ou seja, a humanização da sexualidade, assumida como dimensão própria da pessoa, quase em continuação a anterior, reafirmando que a sexualidade se refere ao ser humano, é algo dele e não de Deus ou dado da natureza divina; o princípio de abertura ao outro, que vê a sexualidade como caminho de alteridade, de projeção ao outro, seja no ato sexual, mas de forma mais ampla, em todas as relações humanas; o princípio de integração e mistério da salvação, ou seja, quando se percebe o amor humano em analogia ao amor de Deus e caminho de salvação, ou seja, esse ir além, se dirigir ao próximo e se compreender como princípio de comunhão e união com o outro (VIDAL,1976, p. 256-258).

A sexualidade pode ser definida, na perspectiva cristã, como um componente fundamental da personalidade humana, manifestando o modo de ser, comunicar, se relacionar, manifestar, sentir e expressar o amor humano (CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1983, n.10). É uma dimensão propriamente humana e não pode ser compreendida fora da realidade pessoal, por seu caráter relacional e dialético entre amadurecimento, crescimento e realização pessoal (ALMEIDA, 2022. p.31-49). Para falar da sexualidade, supõe-se e se expressa o mistério integral da pessoa humana. Por sua

polivalência, a sexualidade deve ser compreendida através da confluência de diversos saberes e conhecimentos, colocados em conjunto; portando a natureza sexual humana é uma instância interdisciplinar e, pressupondo o mistério do ser pessoa, é, conseqüentemente, mistério (VIDAL, 1978. p.475-539).

A sexualidade, para ser compreendida de forma integral, deve ser considerada em suas dimensões. A biológica, que diz respeito ao aspecto reprodutivo e prazeroso; a psicológica, quando é compreendida não apenas como impulso, mas desejo e força constitutiva do eu; existencial, quando se compreende o ser humano como um ser sexuado e seu papel como núcleo vital na tensão entre expressão de vida e de morte; cultural, quando se considera as diversas manifestações socioculturais de expressão da sexualidade e as transformações na sua vivência. (LAPALMA, 2022, p.17-19) (VIDAL, 2002, p.24) Além disso, deve-se levar em consideração elementos como a orientação afetivo-sexual, a identidade de gênero, os papéis de gênero e as práticas sexuais extra conjugais e sua finalidade restrita à procriação. É compreender a sexualidade, à luz da teologia cristã, como dimensão constitutiva do ser e da nossa forma de estar no mundo, perpassando dimensões biofísicas, axiológicas e religiosas. (LAPALMA, 2022, p.17-19)

A antropologia e a ampla compreensão da sexualidade, à luz da Tradição e do Magistério, bem como os contributos das outras ciências, podem fundamentar a Teologia Moral e seus desdobramentos. A moralidade acerca da natureza sexual torna-se problemática ao reduzir-se a proposições casuísticas, sendo um modelo antitético à liberdade e a responsabilidade; em outras palavras, enquanto a moral social segue critérios do ensinamento social da Igreja, ou seja, Doutrina Social, critério estes fundamentados pela autonomia, responsabilidade e liberdade na constituição da consciência, a moral sexual segue padrões impositivos, não considerando a pessoa, em sua liberdade, vontade e racionalidade. (SALZAMAN, LAWLER, 2012, p. 30-31) Compreendida como mistério, ela deve ser considerada também em suas dimensões; porém afirma-se a dimensão mistérica, sendo abertura para a vida pessoal e também ponto de contato com o transcendente (VIDAL, 1978. p.475-539).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença ativa de Cristo deve humanizar a sexualidade e não a naturalizar. Isso é expressão de uma antropologia personalista. A sexualidade deve ser integrada de forma que o ser humano saia de si mesmo, sendo exercida de forma ética quando “ocorre de acordo com a responsabilidade que tem o ser humano diante do outro, da comunidade e do futuro da humanidade.” (LIMA, 2021, p.57)

Em suma, afirma-se que a sexualidade é dimensão fundamental do ser humano a partir de uma visão antropológica personalista. Ela é força dinâmica que move a pessoa ao amor e a comunhão de vida. Sendo um dado humano, requer um processo de amadurecimento e integração, sendo distinto nas diversas fases e opções de vida, convidando a um reconhecimento da incompletude e vulnerabilidade humanas (ALMEIDA, 2022. p.31-49). Esse é o ponto de contato entre Antropologia Teológica-Sexualidade-Teologia Moral: a partir da compreensão integral do ser humano, da naturalização da dimensão da sexualidade e da opção fundamental que norteia a Teologia Moral, ou seja, a adesão a Cristo e sua Boa Nova, é possível iluminar os caminhos do ser humano, sem repressão ou laxismos, superando todo desprezo da dimensão material.

A compreensão que se tem de integração da sexualidade, que é a castidade, não é a abstenção ou o uso direcionado e finalista do sexo. A integração é, na verdade, uma consciência de si, dos limites e potencialidades do corpo e do desejo, do uso que se faz da sexualidade como direcionamento ao outro a partir de sua opção de vida, mas, ao mesmo tempo, e antes de tudo, como autoconhecimento e preservação. Sabe-se, e se deve cuidar, de desequilíbrios na área da sexualidade, como fixação nessa dimensão ou sua negação; para superar tais questões, é necessário essa compreensão de si e sinceridade.

A integração da sexualidade é sua vivência e direcionamento consciente, do que se faz ou não, do que se escolhe ou se abstém em um processo contínuo e tênue de descoberta e constituição de si, elaborando a subjetividade em seu dado ontológico e também sociocultural. Em suma, a sexualidade, dimensão fundamental da pessoa, abraça o ser humano em sua inteireza, como imagem e semelhança de Deus, ao mesmo tempo que o constitui e se mantém como mistério que se revela gradualmente, perfectivamente. Afirma-se como mistério porque não é verdade a afirmação da antropologia teológica: o mistério de Deus e o mistério do homem são estranhamente solidários (SEBOÛÉ, 2021, p.172)?

## REFERÊNCIAS

**A Bíblia de Jerusalém.** Tradução de Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo, Ana Flora Anderson (Coord.). São Paulo: Paulus, 2015.

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. A sexualidade no Magistério da Igreja. TRASFERETTI, José Antônio. ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). **Sexualidade e Pastoral: aos párocos e agentes de pastoral.** Paulus: São Paulo, 2022. p.31-49.

CONCÍLIO VATICANO II. **Gaudium et Spes:** Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulus, 1997.

CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Orientações educativas sobre o amor humano:** linhas gerais para uma educação sexual. 1983.

DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. São Paulo: Paulinas/ Loyola, 2007

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1:** A vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2020. (Coleção Biblioteca de Filosofia).

GRÜNDEL, Joahannes. Sexualidad. In: **Sacramentum Mundi:** Enciclopedia Teologica. Editorial Herder: Barcelona, 1976. p.322-354

LADARIA, Luis F. O homem criado à imagem de Deus. In: SEBOÛÉ, Bernard (Org.) **História dos Dogmas II:** O homem e sua salvação. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 87-132.

LAPALMA, Marcela. A sexualidade no mundo atual. TRASFERETTI, José Antônio. ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). **Sexualidade e Pastoral: aos párocos e agentes de pastoral.** Paulus: São Paulo, 2022. p. 11-30. (Coleção Ministérios)

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p.24.

LIMA, Luís Corrêa. **Teologia e os LGBT+:** Perspectiva histórica e desafios contemporâneos. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2021.

MENDONÇA, José Tolentino de. A sexualidade na Bíblia: morfologia e trajetórias. **Theologica.** 2ª Série, 42, 2. Universidade Católica Portuguesa. 2007.

MONTEIRO, Euder Daniane Canuto. Antropologia Teológica: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã. In: **Um encontro de amor:** acolhida do ser humano à autocomunicação de Deus. Porto Alegre, RS, Editora Fi, 2021. p. 58-96. (Recurso Eletrônico).

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de cristianismo. Trad. Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 2019.

REICH, Wilhelm. **O assassinato de Cristo**. Trad. Carlos Ralph Lemos Viana. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

RUBIO, Alfonso Garcia. Elementos de Antropologia Teológica – Salvação Cristã: salvos de quê e para quê? 4ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SALZMAN, Todd A.; LAWLER, Michael G. **A pessoa sexual**: Por uma antropologia católica renovada. Trad. Luzia Araújo. Editora Unisinos, São Leopoldo, RS, 2012. p.23-26.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Edições Loyola, 2020. (Questões filosóficas).

VIDAL, Marciano. **Moral de Atitudes II: Ética da Pessoa**. Trad. Ivo Montanhense. Editora Santuário: Aparecida, SP, 1978. p.475-539.

VIDAL, Marciano. Sexualidade e Cristianismo: do conflito à reconciliação. In: **Novos caminhos da Moral**: Da “Crise Moral à “Moral Crítica”. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. Paulinas: São Paulo, 1976.

*Recebido em: 17 de maio de 2024*  
*Aprovado em: 5 de julho de 2024*

